

# *A CEIA DOS MORTOS*





**UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU**

**REITOR**

João Natel Pollonio Machado

**VICE-REITOR**

Griseldes Fredel Boos



**EDITORA DA FURB**

**CONSELHO EDITORIAL**

Edson Luiz Borges

Elsa Cristine Bevian

João Noll

Jorge Gustavo Barbosa

Roberto Heinze

Marco Antônio Wanrowsky

Maristela Pereira

**EDITOR EXECUTIVO**

Maicon Tenfen

**CAPA**

Criação da Coordenadoria de Comunicação  
e Marketing da FURB- Criativa: Marília Reibnitz

**DISTRIBUIÇÃO**

Edifurb

*Salma Ferraz*

# *A CEIA DOS MORTOS*



© Salma Ferraz, 2012.



Editora da FURB

Rua Antônio da Veiga, 140

89012-900 Blumenau SC BRASIL

Fone/Fax: (047) 321-0329

Fone: (047) 321-0330

Correio eletrônico: editora@furb.br

Internet: www.furb.br/editora

Distribuição: Editora da FURB

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1825,  
de 20 de dezembro de 1907.

“Impresso no Brasil / Printed in Brazil”

Elaborada pela Biblioteca Central da FURB

Ferraz, Salma  
F381n A ceia dos mortos / Salma Ferraz. –  
Blumenau : Edifurb, 2012.  
66 p.  
ISBN 978-85-7114-315-9  
Bibliografia: p. 65-66.

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD 869.93

## *AGRADECIMENTOS*

*Para*

*Meu filho, pérola de grande valor – Kirlan  
Junior, por estar seguindo meus passos*

*Minha mãe, a quem não cabe qualquer adjetivo – Raquel*

*Meu Querido Tio Rubens Ferraz*

*Roseli, Tuca, Maura, Tony, Raphael, Rosana,  
pelo companheirismo e amizade de sempre*

*Maura, pela amizade e apoio nos momentos difíceis*

*Arcari, a amiga sempre ausente/presente*

*D. Mercedes e Ellen – anjos enviados por Deus  
que me sustentaram na beira do Abismo*

*Dilva Lobato Custódio, minha amiga e manicure de Curitiba  
pela ideia do conto O Filho do Além.*

*Edair, pela revisão final*



*Quando existimos,  
a morte não está presente, e, quando  
a morte está presente, nós já não existimos.  
A morte é nada para nós.*

*Epicuro*

*Deve-se aprender a viver  
por toda a vida e, por mais que tu talvez  
te espantes, a vida toda é um ensinamento  
para aprendermos a morrer.*

*Sêneca*

*Diz-me como morres e te direi quem és.*

*Octávio Paz*







*Nem sempre é preciso  
morrer para estar morto.*

*Roseli Broering*

*A grande tarefa é morrer.*

*Adélia Prado*





## SUMÁRIO

*O Capote* 🕒 3

*A Ceia dos Mortos* 🕒 21

*O Filho do Além* 🕒 31

*As Máscaras de Téia* 🕒 41

*O Rio das Almas* 🕒 55

*Na Terceira Margem da Estrada* 🕒 61



## O CAPOTE<sup>1</sup>

*um homem com uma dor  
é muito mais elegante*

...

*Não me toquem nessa dor  
ela é tudo que me sobra  
sofrer, vai ser minha última obra.*

Paulo Leminski



---

<sup>1</sup> Conto classificado em segundo lugar no XXX Concurso Literário de Contos do FEMUP 1998, em Paranavaí, Paraná e publicado na antologia deste festival. Este conto é o conto de abertura do livro *Em nome do Homem*, publicado pela Editora Sette Letras em 1999, Rio de Janeiro. Infelizmente baseia-se em fatos reais. Foi o primeiro conto que escrevi em minha vida.



São Paulo, junho, 1992. Entidade de caridade. Lá estava eu diante daquelas roupas carinhosamente chamadas de *micongas*, vindas da Europa, em fardos. Procurava, no meio daquela confusão, algumas roupas para o ex-marido de minha mãe. Os preços e as marcas *Romeo Gigli*, *Calvin Klein*, *Lacroix*, *Ralph Lauren* me encantavam, até que os meus olhos extasiados toparam com um legítimo *Trench Coat Saint Laurent*, cor cinza, arrasadoramente chique.

Pensei no meu velho e pobre pai. Há vinte anos era alcoólatra. Sua vida e a nossa haviam sido marcadas com outra marca bem famosa: *Caninha 51*. Se não fossem os mingaus de alho e as minguadas ajudas de meu avô, teríamos minguado antes da crescente.

Às vezes ele desaparecia, semanas e mais semanas. Rondávamos todas as delegacias e hospitais da cidade e nada. Lá um triste dia, alguém o encontrava caído nalgum buraco e nos devolvia, enlameado, o simulacro daquele que pretendia ser meu pai. Esse homem só exibiu suas cinzas e algumas poses falsas daquelas tiradas no escuro, só se mostrava de costas e diante dele um nada enorme sempre aparecia. Um dia tive uma idéia absurda enquanto regava um pequeno e frágil pé de tomate. Anotei num diário de recordação com o título *devaneios de uma órfã: Há tomates mais felizes do que certos filhos, pois cada tomate tem um pai que o planta, que o rega, que o cobre de estrume, que o limpa, que o poda, que orienta o seu crescimento e que pensa nele todas as manhãs*.

Tantos foram os anos de tormento, que um dia os laços de amargura e piedade se desfizeram. A separação de meus pais foi digna de um final de telenovela das oito. Formei-me em Letras, meu irmão em Administração e Marketing, minha mãe em Enfermagem e meu pai, seguiu cambaleando vida e garrafa a fora. Em meio a essa ressurreição de fantasmas há muitos sepultados, escolhi diversas camisas de flanela, blusas de lã e o elegante *Trench Coat*.

Em casa, visualizava deslumbrada o capote. Nunca tinha tido em minhas mãos algo tão especial. Inexplicavelmente o capote me fascinava, me atraía. Quem teria vestido aquele capote na Europa? Teria sido algum homem sensual, de olhos azuis? Que tragédias e cenas de amor já presenciara? Quantas mulheres



havam, sofregamente, se abraçado a ele? Quantas estórias impregnadas em si pode trazer uma roupa, principalmente um legítimo *Trench Coat*... Fiz um enorme pacote com as demais roupas e deixei o capote estendido numa cadeira. Um raio de luz chegou acoplado à noite e se esparramou timidamente sobre o capote. Aquela luminosidade o envolvia com se fosse uma aura, eu quase podia tocá-la. Não, não era um capote comum, teria que ter um passado.

Meu irmão visitou-me inesperada e rapidamente. Ele sempre fora ousado em idéias e atraído por grandes sonhos e negócios, que, por vezes, vinham a somar, e outras, lamentavelmente, vinham a diminuir, mas afinal suas convicções sempre prevaleciam, e tudo vale a pena quando a alma não é pequena, e a dele não era. Mostrei-lhe o pacote. Mas seu olhar voltou-se para o capote na cadeira e uma certa inquietação rondou-lhe o espírito. Ele imaginava meu pai vestido com o capote, mas a aparência do seu rosto descarnado e seu corpo carcomido pelo álcool destoavam da aristocracia daquela roupa.

Samuel vestiu o capote e desfilou silencioso diante do espelho. Seus passos eram suaves e desenhavam no solo um estranho balé. Entre nós nenhuma palavra foi dita, mas muita coisa foi pensada. De repente sua voz surgiu límpida:

- Mas que casaco lindo... bahh... É um legítimo Tren...

- *Trench Coat*.

- Chocante... Tem alguma coisa a ver com a guerra?

- É uma peça lendária, a tradução parece ser “casaco de trincheira”, foi criado há mais ou menos cento e vinte anos para soldados que defendiam o Império Britânico e foi immortalizado em *Casablanca*.

- *Casablanca* não assisti, mas *O Poderoso Chefão* sim e o Marlon Brando estava assustador num destes aqui. É o capote dos meus sonhos... Sempre sonhei com um legítimo *Trench Coat*, mas como a crise anda braba... Pense bem: o que nosso pai vai fazer com um capote tão caro assim? Não combina com a favela onde mora, ele pode até perder a vida por causa deste capote.

- Exagero...

- Sério. Não estou fazendo piada...

- Como?

- Se ele vestir este capote na Vila Vilela, numa noite friorenta,



e for beber seus costumeiros drinques naqueles bares da boca do lixo, pode ser assaltado por um bandido. Se reagir, pode até ser ferido. E se a polícia fizer uma batida? Podem confundir o velho João com um ladrão. Este seu presente trará muitas encrencas e vai sobrar pra nós.

Meu irmão argumentava convincentemente. Um casaco novo, daquela marca, devia custar muito mais de mil dólares. Samuel usava um tom irônico, quando relembrava feridas ainda não cicatrizadas. Disfarçava com a ironia a chaga purulenta de ter um pai quase mendigo. Essas feridas não se curavam nunca, embora tivessem casca, a qualquer hora o pus poderia voltar a jorrar.

Quando jovens, tinha sido por demais difícil aceitarmos o alcoolismo como doença, éramos rebeldes e era mais cômodo acreditar em falta de vergonha na cara e na garganta. Novo silêncio. Samuel sentindo sentimentos só seus. Seus olhos trêmulos nos meus e os meus vacilantes nos dele. Uma telepatia construída em cima de noites de fel fazia com que nossos pensamentos gritassem no silêncio. Que existência sem existir, a ponto de não poder ganhar e usar um capote de *griffe*, que vida abortada.

Décadas inteiras de nossas vidas desfilaram em alguns minutos através daquele diálogo silencioso de olhares. Meu irmão continuava adoçando a tragédia com o riso:

- Observe... Não tenho razão? O capote me dá um ar de confiança, de autoridade, de vitória, por que não dizer de mistério, digno de um Diretor de Marketing... Se um dia a polícia ousar me abordar em Curitiba, para uma revista de rotina, vai se dirigir a mim educadamente: *Com sua licença Dr., poderíamos revistá-lo?* Depois dirão: *Desculpas, Doutor, são ossos do ofício, qualquer coisa estaremos a sua disposição.* O meu tão sonhado casaco de mafioso... Olhe aqui... tem até um bolso de cetim embutido para o meu 38, seis polegadas. A partir de hoje, não serei apenas Doutor Samuel, serei *Don Samuel, il capo dei tutti capi!* Obrigado, mana, este era o acessório que me faltava.

- Por que não compra um novo numa loja de importados?

- Me encantei com este, tem uma magia, deve ter estória, sei lá, parece ser um capote encantado...

Os olhos tristes de meu irmão estavam velados pela sua ironia britânica. Eu, infelizmente, conhecia esse jogo há anos.





Durante aquele silêncio revelador sobre a vida de nosso pai, lágrimas se equilibravam nos nossos olhos. Quando ele retornou à sátira, começamos a rir bem alto, pois assim disfarçávamos as pequenas gotas que inconvenientemente rolavam pelas nossas faces. Aprendemos juntos que, quando a tragédia é forte demais, o melhor é satirizá-la. Ríamos amargamente pela razão insana do seu trágico discurso. Chorávamos para dentro de nós!

*Don Samuel* estava lindo, em seus 1,82 de altura, olhos verdes que cintilavam por trás do choro contido, 27 anos, 70 quilos. Com o capote, era um perfeito siciliano. Em sua justeza, perguntou-me o preço do capote, preencheu o cheque e pediu-me que comprasse mais umas três blusas de lã para o homem que, apenas por um acidente genético, veio a ser nosso pai biológico. Fiz o combinado. Após uma semana viajei para Ponta Grossa, no Paraná.

Lá estava ele, o espectro do seu João. Era a patologia da estrada errada, o pálido arremedo do nada. Seus olhos eram antigos, seu rosto era o retrato de uma alma errante. Ele todo tinha o tom sépia das coisas passadas e mortas; seus sonhos jamais envelheceram, pois jamais os tivera; sua vida era uma gaveta emperrada que ninguém quis abrir. Enfim, era absolutamente um replicador do nada. Lembrei-me de um desenho televisivo, famoso em minha infância, em que um personagem dizia: *Velho e querido Pai*. Segurei polida e rapidamente suas mãos. Esse contato fazia mal a ambos. Não nos abraçamos. Nunca nos abraçamos. Naquele momento tive a intuição de que morreríamos sem nunca nos abraçar. A vida cinzenta que passamos juntos lacrou todos os abraços, selou todos os prováveis beijos. Éramos e sempre fomos carnes estranhas. O fato de ser meu pai, ou melhor, de eu ser sua filha, não passava de um gigantesco erro de percurso.

Desta vez o velho João estava lúcido. Sem jeito, entreguei-lhe o embrulho, informando-lhe que eram roupas da Europa. Seus dentes apareceram. Espantei-me, meu pai ainda tinha dentes, eu pensava que ele era banguela. Fazia o exame das roupas em silêncio e agradeceu-me com um simples obrigado. Sua voz ressoava doloridamente para mim. Perguntou-me se podia pedir algo. Acenei que sim, mais do que constrangida. O velho, encabulado, pigarreou e sussurrando, com a concisão vocabular que usava quando estava diante dos filhos da ex- mulher dele, disse:



- *Desde o tempo que eu era jovem, tenho um sonho impossível. Ele hesitou, cobrindo a boca com uma das mãos... sonho em ter um casaco de frio, comprido, daqueles de filme de máfia... Por favor, filha, consiga um casaco de mafioso pra mim...*

Lá fora o vento gelado cortava as emoções adormecidas na Princesa dos Campos. Um velho cão sarnento se aconchegou nos pés do velho. Até os cães tinham pena do meu pai. Uma visão turvou minha mente. Seu rosto mergulhou e viajou no túnel do tempo trinta anos. Diante de mim, a mesma imagem que eu tinha visto admirada numa foto antiga. O jovem boêmio e cantor João Maria ressuscitava, apoteoticamente, na plenitude dos seus vinte e cinco anos. O amarelo pardacento e avermelhado dos seus olhos, cinematograficamente, enverdecera com um brilho que eu só conhecia pelos relatos de minha mãe. Sim, havíamos, infelizmente, herdado os tristes olhos verdes de meu pai, herança que, apesar de bela, ninguém gostaria de receber.

E naquele momento, de um velho rádio que enfeitava um armário muito antigo, num programa de domingo dedicado aos nostálgicos, Vicente Celestino resumia a vida do pândego aposentado:

*Tornei-me um ébrio e na bebida busco esquecer, aquela ingrata que eu amava e que me abandonou. Apedrejado pelas ruas vivo a sofrer, não tenho lar e nem parentes, tudo terminou.*

Pela primeira vez na vida tive vontade de abraçar meu pai, apertar aquele corpo curvado e frágil, desgrenhar-lhe os cabelos com as mãos carinhosas, tornar público a ele as lágrimas anônimas que chorei nas suas constantes ausências.

O pai de meu irmão, como se tivesse levado uma facada, reagiu com um reflexo mecânico, visivelmente constrangido, dirigiu-se até o armário e desligou abruptamente o velho ébrio. Manteve-se em silêncio e esse silêncio tesourava o ar juntamente com minhas lágrimas que rolavam para dentro de mim. Não, ele jamais me veria chorar, jamais conheceria a memória sepultada daquelas lágrimas, pois sempre pensei que o que havia de melhor ou pior nas pessoas estava no passado delas. Somos desenhados pelo nosso passado.

Num sacrifício último segurei as traiçoeiras lágrimas no lugar de onde elas nunca deveriam ter ameaçado sair. O esforço trouxe-me à razão e cremei, definitivamente, a única visão que



tive em vida do cantor João Maria.

- Claro, assim que chegar o outro fardo, providencio seu capote...

A visita de uma hora terminou em vinte minutos. A areia da velha e sábia ampulheta propositadamente emperrou. Foram os vinte minutos mais longos dos meus trinta anos. Meu pai foi um ser que não havia sido, foi só espectro que viveu com um silêncio que tinha o peso das trevas; sua data de nascimento ninguém soube ao certo, por isso nunca ninguém comemorou o seu aniversário. Não foi poeta, mas sua vida foi mote para glosas dignas de uma ópera bufa. Só interpretou em suas canções vidas e amores alheios. Não viveu, sua vida foi uma vida autista, enclausurado como caramujo no vácuo de lembranças não vividas.

Dali a quinze dias, o pai de meu irmão teve outra crise alcoólica e simplesmente desapareceu no mundo com blusas de lã e tudo, mas sem o seu tão sonhado *Trench Coat*. Soube disso quando me preparava para levar-lhe o outro capote, agora adquirido especialmente para ele.

O legítimo *Trench Coat* mofa solitário e imponente no meu guarda-roupa. Meu irmão, em pleno final de julho gelado de Curitiba, aparecia numa imensa foto, na coluna social do memorável Dino Almeida, da *Gazeta do Povo*, cercado de empresários e lindas mulheres. Embaixo uma nota: *Samuel Ferraz, destaque marcante na recepção do Graciosa Contry Club, no seu impecável Trench Coat, recebe o prêmio Profissionais do ano em Marketing e Propaganda.*



## *A CEIA DOS MORTOS<sup>2</sup>*

*Tragada foi a morte pela vitória.  
Onde está, ó morte, a tua vitória?  
Onde está ó morte, o teu aguilhão.*

I Cor. 15:54



---

<sup>2</sup> Conto classificado no III Concurso de Contos da Academia Dorense de Letras, Boa Esperança, Minas Gerais e Menção Honrosa no IX Prêmio Escriba de Contos, Piracicaba, 2007.



Ouvi esta estória no interior do Mato Grosso e desde aquele dia fiquei repleta de sombras pensando em quantos mortos carregamos incrustados em nossas rugas e em nosso espírito. Preciso ressuscitar alguns mortos e transportá-los das trevas da morte para o brilho também enganoso da escritura, nem que seja por uns breves momentos, à luz de um conto, dos teus olhos e do teu julgamento, caro leitor. Tu, sombra do porvir, todos nós, cadáveres adiados por antecipação e teimosia, não passamos de rascunhos de mortos. Sim, da nossa inimiga mais inflexível, mistérios de todos os mistérios, aquela que não aceita rendição, não oferece trégua, ao contrário, metralha impiedosamente até que cada uma de nossas células se desintegre e sejamos somente pó – ela, a Morte, a nossa predestinada noiva negra que nos espera para nossas núpcias eternas. Inimiga impossível de se destruir porque não é feita da mesma matéria de que somos feitos. Aquela que possui os atributos de Deus ou do Diabo, a insondável, com a qual ninguém quer conversar. Todo homem tem que se haver com a Morte, o único destino inelutável de todo ser humano.

No sertão do Mato Grosso existia uma vila pequenina denominada *Salto do Céu*, lugar parado no tempo, onde absolutamente nada acontecia a não ser, a espaços de anos, algumas mortes. Naquele lugar, a antiga população foi desaparecendo aos poucos. Os próprios velhinhos contavam que haviam participado da II Guerra e, desanimados com o mundo, não mais quiseram ter filhos. Dessa forma, nascia-se de menos e morria-se demais. Com exceção das missas domingueiras, a rotina preguiçosa transformava tudo numa mesmice sem fim. Devido a isso, a morte de qualquer pessoa assumia uma pompa imensa e era quase desejada.

Quando passava um ano sem que ninguém morresse, uma tristeza invadia o coração dos habitantes, e os mais velhos, principalmente aqueles que chegavam aos noventa anos sem dar pistas de que pretendiam cruzar a última fronteira, eram olhados de soslaio nas ruas e sentiam-se um estorvo. Era como se estivessem ali ganhando um tempo extra, roubando daquelas pessoas o direito a um festivo enterro. As mulheres guardavam roupas pretas para as festividades fúnebres e olhavam os mais velhos ainda fortes com indisfarçável tristeza. Por que aquele doente permanecia vivo e lhes roubava o direito ao desfile



de gala? Houve um caso duma velhinha que teve uma parada cardíaca. O povo todo já se preparava, encomendava caixão; o carpinteiro afiava as plainas; as mulheres expunham suas roupas pretas aos raios de sol; a florista fazia suas coroas enfeitadas de cores do arco-íris, mas o fraco coração da pobre alma, de raiva, voltou, devagarzinho, a bater. Foi uma desilusão geral e a doente ficou numa tristeza só, sentindo-se culpada por não ter descido à tumba. Era Jó amaldiçoando o dia em que não morrera. A vida deveria ser breve como a flor e a morte o maior e mais belo de todos os sacramentos, já que ela nos concede o domínio da eternidade. Era isso que pensavam os habitantes daquele fim do mundo, com muito mais de cem anos de solidão pesando em suas estórias.

Porém o tempo foi passando e os costumes mortuários foram desaparecendo; quase não existiam mais velhinhos. Com o passar dos anos, outros jovens imigrantes vieram e invadiram o vilarejo, transformando-o numa próspera cidadezinha. Trouxeram consigo um banco, um hospital e até uma funerária. Não se morria mais como se morria antigamente.

Agora não havia mais graça em morrer; a morte deixara de ser pública; fazia-se tudo muito rápido. No próprio hospital, o morto já era arrumado pelos agentes funerários, que tornavam a morte limpa, disfarçando-a da melhor maneira possível. Coroas de flores verdadeiras que davam pouco trabalho e duravam também bem pouco, missas rápidas; nada de carpideiras, nada de escândalos, nada de velório, nada de bolinhos, nada de piadas, nada de luto. Golpearam a face pálida da morte e a morte morreu; findara-se o vale de lágrimas e o preto saíra definitivamente de moda.

Próximo à cidadezinha, há alguns quilômetros dali, moravam numa fazenda em decadência quatro irmãos. Eram os últimos velhinhos da antiga vila que foram empurrados para a zona rural pelo progresso indesejável. Eles faziam parte da família que, no passado, estava presente em todos os velórios. Eram obcecados pela morte, adoravam os velórios e nunca faltavam a nenhum: eram os primeiros a chegar e os últimos a sair. Os novos moradores diziam que eles tinham vocação para a morte e que o olhar deles não pertencia mais a este mundo. Por amarem tanto a morte nunca se casaram, pois, ter filhos, para eles, era perpetuar



as desgraças desta vida e criar preocupações além-túmulo. Aceitavam friamente o tripé do destino de todos os humanos: carne, osso e pó.

Mas, apesar de sentirem prazer com a morte e os rituais a ela relacionados, eles não morriam. Da vila de outrora só sobraram eles, os *irmãos-morte*, como eram chamados, já que todas as suas antigas atividades estavam relacionadas à morte. Seu Judas Morte fazia caixão, seu João Morte era o padre que encomendava as almas, seu Tiago Morte, o velho coveiro e Maria Morte, a que bordava mortalhas, as mais lindas de *Salto do Céu*. Entendiam de todos os procedimentos relativos à morte, porém, para eles, apesar de todo o ritual com missa, caixão, coroas, aquela lamentação, aqueles vestidos pretos, os bolinhos, a cara do viúvo ou da viúva, os discursos, as despedidas, tudo isso não era suficiente para a grandeza que o momento exigia, para o espetáculo apoteótico da morte, a velha amante de Deus, como tão bem descreveu a dama belga-francesa. Na hora suprema da morte, todos ganham o estatuto de estrelas cadentes; simplesmente é a hora da estrela, como bem definiu outra grande dama, esta ucraniana de nascimento e brasileira de alma. Naquele insólito lugar, as pessoas mais velhas já tinham todas passado para o outro lado pelas mãos dos *irmãos-morte*, e os novos cidadãos tinham horror à morte e antipatia por aquela família grotesca. Diziam que os *irmãos-morte* nem sombra no chão faziam e que até a própria Morte os respeitava e que seus olhos não tinham mais brilho. Por isso a tétrica família deixara a cidade em formação e nunca mais fora vista.

Com os olhos já baços, viviam isolados na fazenda, que foi apelidada por um jovem padre de *Vale da Sombra da Morte*. Só mensalmente um velho homem da cidade lhes levava os provimentos necessários. Os anos se passavam, a fazenda era só ruínas e eles foram morrendo um por um, velando-se entre si. Para cada morte, fazia-se um caixão bonito, flores e coroas de plástico, rezava-se missa, vestia-se luto, contavam-se piadas e preparava-se uma grande ceia, em que se assava um carneiro com ervas, que era servido junto a um vinho saboroso.

Quando Judas Morte morreu, seu irmão e padre, João Morte, aprendeu o ofício do morto e fez o caixão. Depois morreu o padre, e seu irmão, Tiago Morte, além de coveiro, tornou-se carpinteiro





de caixão e rezador de missa. Quando Tiago morreu, Maria Morte teve que fazer o caixão, rezar a missa, tecer a mortalha e enterrar seu irmão.

Mas cada morte era uma festa, esperada e realizada com toda a pompa, uma vez que os *irmãos-morte* tinham suas economias e guardavam tudo para a celebração triunfal. Quando se mudaram para a fazenda, logo na primeira semana, Maria Morte voltara à cidade e encomendara algo que muitos estranharam: quatro cristaleiras luxuosas e com um detalhe esquisito: elas deveriam estar vazias, sem uma tábua sequer dividindo os compartimentos. Pagara a vista e, dois meses depois, uma enorme carroça transportara, em duas viagens, as cristaleiras, feitas da melhor madeira, com o melhor vidro e forradas com veludo vermelho.

O que ninguém na cidade sabia é que os caixões enterrados no cemitério da fazenda estavam vazios. Os irmãos faziam tudo isso para não despertar a atenção dos moradores das redondezas, uma vez que ninguém entendia que a morte é a única lei que é aplicada, cedo ou tarde, a todos, sem discriminação, sendo, por isso, digna de uma comemoração especial. Para eles a morte era o êxtase de uma revelação que só eles conheciam, pressentimento de uma eternidade misteriosa, caminhar solitário no deserto do silêncio.

Além de todas as cerimônias já conhecidas, eles inventaram uma ceia, mas era uma ceia com a participação do morto. O morto era colocado à mesa em lugar de destaque, todo bem-lavado, embalsamado com ervas aromáticas e perfumes, e ficava ali extático com ar de poeta notívago, observando os comentários sobre episódios de sua vida, as piadas, a ceia, os cafezinhos. Quando o velho relógio marcava a meia-noite, um dos irmãos abria a cristaleira mortuária que já estava enfeitada de coloridas flores, complementemente perfumada, e lá colocava o defunto, convidado de honra, todo paramentado com seu traje a rigor. Em vez de ser enterrado, o morto permanecia emparedado na cristaleira da sala principal do antigo casarão, participando de todas as coisas na vida daquela amorosa e estranha família. Assistia a todos os jantares, a todas as discussões, participava de todas as decisões. Dessa forma ele nunca era esquecido e a morte se perpetuava para alegria dos *irmãos-morte*. Aquela viria a ser a casa dos ossos secos. Quem me contou este caso acreditava piamente que



Maria Morte era uma bruxa, uma vez que ela conhecia o poder misterioso de certas ervas e com elas embalsamava o morto, de maneira que não cheirava mal nem se deteriorava.

Os anos se passavam e o morto, já carne ressequida, continuava a ostentar sua presença em todas as ocasiões assim como as antigas múmias egípcias que permaneciam ou em casa ou em capelas, expostas por meses, às vezes anos, aos parentes para serem veneradas. Três cristaleiras já estavam decoradas com seus mortos, todos homens. A vida era tão banal, só na morte havia glória, e somente a morte dá sentido à vida e iguala todos os humanos. Esse era o verdadeiro espírito da morte. Em sua mortal sabedoria, nunca entenderam a felicidade da ressurreição de Lázaro. Como trazê-lo de volta à vida, quando ele já atravessava serenamente os umbrais do silêncio e da paz?

Quando um sino de uma igreja toca por um finado, na realidade, toca pela humanidade inteira já que a morte anda sempre grudada à nossa pele e somos todos cadáveres adiados no dizer de Pessoa, adiados e odiados no meu pensar. Será que alguns vivos já não estão mortos há tempos? Será que não há mortos que estão mais vivos do que muitos vivos? Não haverá no reino das trevas mais luz do que no reino do sol? A verdade cruel de tudo isso é que a única companheira inseparável da vida é a morte, a única amante de Deus, e que começamos a morrer desde que nascemos.

O mato tomava conta da fazenda, a porteira rangia e Maria Morte, enquanto dava, prazerosamente, os últimos alinhavos em sua própria mortalha como se fosse seu vestido de noiva, começou a sentir fortes dores no peito e muita falta de ar. Ela era a última que restara e cumprira seu ofício feliz, já que se sentia cansada em ser apenas um rascunho da morte. Levantava-se, tomava café, limpava a casa e depois limpava as vitrines mortuárias e ajeitava-as uma de frente para a outra. Nunca se afastava de seus mortos queridos. Ela achava a morte linda a tal ponto que trouxe seu velho colchão e passou a dormir na sala, entre eles, a velar-lhes o sono eterno. Era como se aquelas bocas já sem carne alguma, contassem, felizes, as estórias de todos os seus antepassados embalando assim o sono do último templário. Era o diálogo dos mortos. Aliás, os mortos possuem os atributos próprios de Deus. Insondáveis! Incompreensíveis!



Chegou o Natal e ela preparou uma ceia de carneiro com ervas, trancafiou bem a porteira e a casa toda e, lá pelas onze horas, sentou-se trajando sua impecável e bordada mortalha roxa. Nunca se casara, sua mortalha seria seu vestido de noiva e ela já sentia o hálito do noivo chegando. Olhava, comovida, seus três irmãos. As três cristaleiras recobertas de flores se iluminavam com as luzes das velas. Colocou na antiga vitrola um disco de Beethoven já arranhado pelo tempo, herança de seu avô, e olhou alegremente a quarta cristaleira vazia. Como eram lindos seus mortos! Isso sim que era morte, a morte serena, ali ostentada, eternizava-se. Enquanto ouvia a antiga música e comia satisfeita seu carneiro com ervas, tomando seu copo de precioso vinho, sentia no peito pontadas cada vez mais intensas. Fazia dois anos que estava sozinha e entristecia-se por estar viva, uma vez que já pertencia ao lado de lá. Não, agora ela não seguraria mais as rédeas da morte, já que passara a odiar o dom de viver.

Antes daquela suntuosa ceia, arrumara sua cripta com flores perfumadas, que ela havia confeccionado carinhosamente, e ajeitara a quarta cristaleira ao lado das outras três já ocupadas de maneira que cada uma ficasse de frente para a outra. Todos os mortos deveriam olhar um para o outro para que, no além, o diálogo pudesse continuar. O olhar de um morto, para os vivos, é uma coisa assombrosa, mas quando mortos se olham, o próprio tártaro se ilumina uma forma especial. Depois se banhara com ervas misteriosas.

O disco saiu fora da rotação da velha vitrola e o relógio secular, em poucos minutos, badalaria a meia-noite e, se ninguém desse corda, pararia para sempre. As dores no peito se tornavam insuportáveis e a respiração cada vez mais difícil. Um pincel invisível começava a pintar de roxo sua boca já murcha que, agora sim, combinava perfeitamente com a cor do vestido de noiva. Era preciso que a morte fosse luxuosa e opulenta. Ela estava feliz como nunca estivera em todos os seus noventa anos; fartava-se com o carneiro, com o arroz, com os quindins. Afinal a morte tinha um gosto delicioso e uma cor belíssima. Quanto mais dor sentia, mais ria e mais vinho bebia. Finalmente enfeitaria definitivamente a sua cristaleira e contemplaria a face bela da morte. Era o início do mistério.



Lavou rapidamente a louça, jogou o resto da comida pela janela dos fundos, para uns velhos porcos que grunhiam lá fora, e a trancafiou com força; decorou a sala com flores e quatro belas coroas, acendeu mais algumas velas, olhou pela última vez seus irmãos, levou a mão ao peito e apreciou aquelas dores lancinantes. Abriu sua cripta nupcial, entrou e fechou-a por dentro esboçando o sorriso de quem estava preparada para a passagem da solitária fronteira. Sentiu um gélido sopro, enquanto um sino melancolicamente tocava ao longe impelido por misterioso vento marcando a chegada do Natal. Ela escolhera quando e como queria morrer.

As velas bruxuleantes queimavam respeitosas em prostração e, quando o relógio marcou meia-noite com doze badaladas, o vidro daquela quarta cristaleira foi-se enchendo aos poucos de um leve bafo. O último halo agonizante de vida explodiu contra o vidro frio, a palidez chegou suave, e as pupilas docemente se dilatavam. Não era preciso trazer o óbolo da passagem. Átropos, a dama da foice que se veste de negro, com a face descarnada movimentava sua enferrujada tesoura. Findava-se ali a ceia dos mortos. Agora os mortos velavam seus mortos e principiava a suprema comunhão. O gozo da morte é somente para os iniciados. Só para esses são revelados o deslumbramento e o entorpecimento das trevas. Morrer é nascer ao contrário.

Os ponteiros do velho relógio pararam. Silêncio total, o silêncio excessivo que só os mortos conhecem. Nada.

Morte, aí está tua vitória. Morrer ou não morrer, esta sempre foi a questão. Sem a morte tudo seria possível. Sem a morte seríamos como deuses. Eternos.

*Não fazemos mais que lidar com fantasmas e só não lidamos com esqueletos por simples repugnância. Admiro-me como ainda não chegamos ao extremo de guardar os nossos mortos em armários envidraçados providos de rodas, para nos acompanharem por toda a parte, a fim de que o defunto não perdesse nenhum dos nossos movimentos.*

José Saramago. *Terra do Pecado*, p. 184.





## O FILHO DO ALÉM<sup>3</sup>

*Viver é muito perigoso.*  
Guimarães Rosa



---

<sup>3</sup> A idéia central deste conto foi sugerida pela querida **Dilva Lobato Custódio**, minha manicure e amiga de Curitiba, a quem agradeço de coração. Este conto foi primeiramente publicado na *Revista de Divulgação Cultural* da Furb de Blumenau, Ano 26, Maio/Agosto de 2004, n. 83.



Este conto é sobre a vida e também sobre a morte, mais morte do que vida; aliás, dizem que o contista morre um pouco a cada conto que inventa, e a morte, neste conto, assombra.

Nosso personagem tinha um nome esquisito - Onã - e era motorista da *Funerária Santa Luzia*, em Curitiba. Quando seus amigos debochavam do seu serviço, ele, com muito senso de humor, respondia: *Funerária Santa Luzia, sua morte é nossa alegria*, e eles, imediatamente, paravam com as brincadeiras tolas.

Foi num enterro, em pleno expediente de trabalho, que Onã conheceu Natividade. Fez o possível, dentro do que permitia o cargo numa ocasião dessas, para descobrir o nome da morena de cabelos encaracolados que lhe encantou carne, osso e espírito. Mais carne que espírito.

Durante o trajeto da casa do morto para o *Cemitério da Água Verde*, tentava localizar pelo retrovisor do carro funerário o chevette amarelo da morena de curvas sensuais e olhos castanho-escuros. No cemitério, seus olhos negros não se desgrudaram dela, que se mantinha um pouco afastada das demais pessoas.

Ele estava sozinho há tempo. Mesmo com a virilidade explosiva dos seus vinte e cinco anos, andava numa terrível abstinência sexual ou como ele mesmo dizia, *matando cachorro a grito*. Natividade também estava só e muito carente. Não, não era falta de oportunidade. Homens sobravam em sua vida, mas todos brancos ou morenos, porém ela sempre sonhara namorar um homem negro. Agora tinha a poucos metros de si um legítimo e perfeito representante de Olodum a observá-la insistentemente com olhos lascivos, com lábios carnudos e sensuais, o corpo entalhado artisticamente em mármore negro. Em meio às despedidas do morto que pareciam intermináveis, os dois olhavam-se, alheios a tudo e a todos, afinal a vida era dos vivos e não dos mortos. Os mortos que velassem seus próprios mortos, porque a vida era muito curta e tinha que ser vivida.

Tudo que Onã conseguiu saber foi que a morena tinha mais ou menos vinte e três anos, era solteira e prima afastada do falecido, mas ninguém sabia ao certo o endereço dela e ele não queria se expor muito. Natividade conseguiu mais informações do que ele: seu nome, o endereço da funerária, mas não teve coragem de ligar para lá. O prazer tinha que aprender a esperar e os dois, no amor, sabiam jogar muito bem.





Como era outubro, Onã pensou que, se voltasse no Dia dos Finados ao cemitério, teria uma chance de reencontrá-la; além do mais, ele mesmo tinha um parente enterrado ali. Ela, coincidentemente, pensou a mesma coisa.

O Dia dos Finados demorou a chegar, no entanto aconteceu o que ambos previram: encontraram-se nas vielas do *Cemitério Água Verde*. A desculpa dele para a abordagem foi a mais esfarrapada de todas:

- Você não estava naquele enterro no mês passado?

Ela naturalmente aceitou o jogo da sedução. Conversa vai, conversa vem, mãos se tocando levemente, sorrisos insinuantes, e nesse delicioso jogo se passaram mais de três horas. O sol se punha numa Curitiba esquisitamente abafada, e poucas pessoas ainda permaneciam no local reverenciando seus entes queridos. O cemitério se transformara num campo primaveril: flores e mais flores com diversos aromas e cores, velas e mais velas. Tudo isso, e mais a tarde avermelhada pelos últimos raios de sol, a solidão e o silêncio dos mortos, o roçar de mãos, os corpos suados, fez com que o desejo contido há quase um mês explodisse em intensos beijos molhados, trocados sobre a laje de uma sepultura recheada de margaridas e rosas. Onã pegou a moça no colo e a depositou suavemente sobre o cimento atapetado de flores, apertando o corpo suado de Natividade contra seu corpo luzidio. Ele a beijava e mantinha seus olhos negros abertos mirando os olhos castanhos escuros de Natividade, que agarrava o cabelo dele e gemia de prazer ao beijar aqueles polpudos lábios. Os mortos contemplavam tudo em silêncio com uma ponta de inveja pelos prazeres carnis deste mundo que não mais desfrutavam ou que, talvez, jamais tivessem desfrutado em vida.

A partir daquele dia, desenvolveram um costume esquisito que não revelavam a ninguém. Gostavam de namorar e fazer amor nos cemitérios desertos, tendo como cama os túmulos lisos ou enfeitados, nas vielas espremidas ou dentro dos mausoléus, vendo o rosto dos anjinhos em meio às centenas de cruzeiros e as imagens de santos com as faces retorcidas de dor ou inveja. Os anjos e santos pareciam baixar os olhos e apurar os ouvidos para escutar aqueles gemidos que representavam o próprio gozo celestial, enquanto eles, meras estátuas de mármore, sem carne e sem desejo, não desfrutavam o gozo da terra, muito menos o gozo o do céu.



Aquilo ensandecia o casal de amantes e eles conseguiam, enlouquecidamente, tirar e oferecer prazer um ao corpo do outro. Fizeram sexo até no *Cemitério da Santa Cândida*. Para variar também transavam de madrugada na funerária, dentro dos caixões, gemendo de lascívia, na expressão máxima do gozo fúnebre.

Em março do ano seguinte, Onã recebeu uma incumbência: buscar o corpo de um homem em *Faxinal do Céu*, interior do Paraná, e removê-lo até Curitiba, pois o morto era da terra das araucárias e pedira para ser enterrado em sua cidade natal, junto aos parentes e porque queria, mesmo depois de morto, ouvir o canto da gralha azul.

Ele adorou ter que fazer uma viagem longa: assim poderia pegar alguns dias de folga. Pediu à namorada que tirasse um dia de licença na floricultura em que trabalhava e o acompanhasse na viagem. Ela aceitou imediatamente o convite. Aquele era o homem de seus sonhos, nunca um homem a fizera tão fêmea como ele.

Onã, ao chegar à pequena cidade, percebeu que as ruas estavam cobertas de flores e havia uma procissão. Só então constatou que aquela quarta-feira era Quarta-Feira de Cinzas. Cuidadoso com seu ofício, ao chegar no Instituto Médico Legal da cidade, verificou o lacre do caixão que, por sinal, estava meio frouxo e, por curiosidade, olhou através da janelinha de vidro. Ficou impressionado: o morto era um rapaz muito novo e, mesmo nunca tendo admirado nenhum homem, achou aquele bonito, afinal ele já estava morto mesmo. O jovem morto era branco quase vermelho, com longos cabelos loiros encaracolados, nariz delgado, sem nenhum algodão tapando as narinas. Pela documentação necessária ao transporte do corpo, pôde constatar que se tratava de um jovem polonês: Ariel Rudolfo Sttempacniz, 1,85 de altura, olhos azuis, cor: branco-avermelhado, idade: 23 anos, *causa mortis*: mal súbito.

Na volta entraram em Furnas, depois de Ponta Grossa. Era final de tarde e tudo ali estava deserto. O calor de março era suavizado pelo vento da Serra do Purunã. Foram ver a *Lagoa Dourada* e, enquanto voltavam para o carro funerário, começaram a se beijar. Mãos que se atropelam, línguas que se cruzam, sexos que se molham, era o demônio da carne despertando esfomeado.



Apertaram-se em desespero no banco da frente, mas o espaço era pequeno demais para tanto desejo. Os dois se olharam e tiveram a mesma idéia. Ainda se agarrando, caminharam para a parte de trás do carro funerário. Onã massageando um seio que pulara curioso para fora da blusa e Natividade apalpando o sexo de Onã, impaciente dentro da calça jeans. Suas línguas, víboras enlouquecidas, dançavam um balé voluptuoso que se aproximava da apoteose.

O rapaz, com a força dos seus 1,88 de altura e noventa quilos, abriu a catraca da parte de trás como se fosse uma pena, empurrou com um pouco de esforço o pesado caixão para o lado, ajeitou uns velhos lençóis no chão do papa-defunto e pronto: o ninho de amor estava feito.

Onã deitou-se primeiro e Natividade o montou imediatamente oferecendo-se gulosamente a ele. O fato de estarem transando pela primeira vez ao lado de outro homem, mesmo que morto, despertou nos dois um desejo animaisicamente mórbido. Esse desejo luxuriante era diretamente proporcional aos lugares tétricos em que faziam amor. Ele rasgou a blusa da amante com certa violência, o que a deixou mais excitada ainda, e ela impacientou-se com o cinto dele, tentando livrar aquela negra serpente que a ferraria em breve.

O desejo era tanto que não houve preliminares. Foram direto ao côncavo e convexo. A violência e a intensidade da relação sexual foi tamanha que, vai-e-vem-entra-e-sai-põe-e-tira, acabaram por sacudir e bater com tanta força no caixão que a tampa do mesmo, abruptamente, deslizou, no exato momento em que Natividade se lembrava que esquecera de tomar o anticoncepcional naquele dia e gritava louca de prazer: *goza fora, goza fora, por favor*.

Só nesse momento ela lembrou-se que teria que colaborar, porque era ela quem cavalgava Onã. Os dois estavam chegando juntos ao prazer; por isso gritavam juntos e esgrimavam-se com os sexos. Espasmos violentos sacudiam os corpos, o êxtase se aproximava: gozo e orgasmo, o vulcão entrava em erupção e, como fora solicitado, no maior de todos os sacrifícios, jorrava sua larva nas pernas morenas da mulher amada que, ao sentir o líquido viscoso escorrendo entre suas coxas, sentiu-se a mais fêmea de todas as fêmeas da terra.



Quando despencava em seu último suspiro de prazer, Natividade, ainda montada em Onã, voltou sua face molhada de suor para o lado e, adornada pelos seus cabelos negros umedecidos, contemplou, pela fresta entreaberta, formada entre o caixão e a tampa que deslizara, o rosto de um querubim loiro, o mais lindo que já vira em toda a sua vida, sorrindo para ela, o que a fez ter um calafrio da morte. Seu corpo quente gelou ao visualizar, em meio a seu gozo, a face satisfeita daquele polônês rindo para ela. Desceu rapidamente do corpo do seu homem e assustada começou a se vestir, enquanto Onã ainda descansava alheio a tudo e alheio ao morto que também estava relaxado ao seu lado. Enquanto ela se vestia, não desgrudava os olhos do rosto sereno de anjo barroco dentro do caixão. Parecia que o morto-vivo havia compartilhado do prazer dos dois: na sua face, estranhamente avermelhada, havia um meio sorriso de felicidade, como se tivesse gozado junto com eles. Era o próprio gozo dos mortos. Onã estranhou o fato da namorada ter saído de cima de seu corpo tão rapidamente, justo ela que adorava dormir após o amor em seus braços, e estranhou mais ainda quando ela pediu que se levantasse logo e que fechasse a tampa do caixão. Não pôde deixar de brincar:

- O, nequinha, justo você que não tem medo de nada. Qualé, meu amor?

O restante da viagem foi feito em silêncio. Ela não comentou que vira o morto sorrir, porque Onã caçoaria de tudo, justo ela tão corajosa, acostumada a fazer amor até dentro de caixões da funerária! Ele seguia em silêncio, porque o tráfego aumentara na serra.

Um mês após aquela visão fora de hora ou, pelo contrário, exatamente no meio da hora H, Natividade constatou assustada que sua menstruação estava atrasada há alguns dias. Não era possível, uma vez que só deixara de tomar um único comprimido e, além do mais, seu namorado gozara fora. Era impossível, praticamente impossível. Dia após dia gastava rolos e mais rolos de papel higiênico no serviço, porque ia de meia em meia hora ao banheiro, limpava-se e olhava o papel higiênico: mais branco que um lírio do campo. Ah, como ansiava por uma pequena gotinha vermelha naquele papel virginalmente branco! Seus seios ardiavam e inchavam. Ao passar perto da *Confeitaria Lancaster*, na Praça



Osório, sentiu vontade de comer um quindim, ela que sempre odiara quindim. Era impossível, mas sabia que estava grávida. Fez o exame e suando abriu o resultado: positivo.

Pensava em como, de que maneira, qual explicação daria ao namorado que também sempre se preocupara em evitar filhos. Estavam começando a vida, e ele já tinha deixado claro que não queria ter filhos tão cedo. Onã, no começo do namoro, lhe perguntara se ela podia tomar comprimido, senão ele não se importaria em usar camisinha. Como ela dissera que tomaria o anticoncepcional, ele ficou mais tranqüilo. Natividade também não queria ter filhos nesse momento de sua vida, mas, imediatamente descartou a idéia de aborto. Esperava a pior de todas as reações por parte do namorado. Ela escolheu todas as palavras, todas as explicações, mas só soube dizer:

- Não sei como aconteceu, mas estou grávida!
- Mas como? Gozei fora!
- E eu ainda tomei o comprimido no outro dia e segui tomando até o final do mês...
- Como aconteceu?
- Dizem que durante a relação já vai alguns bichinhos... Tá aqui o resultado.
- ?
- !
- Fazer o quê? É meu filho, pô... Sou macho. Tenho que assumir. Assumo.

Natividade abraçou Onã e lhe deu o primeiro beijo de amor desde que os dois haviam se conhecido. Aquele beijo suave dizia mais que todas as palavras poderiam expressar. Estava segura, ele a apoiaria, a ajudaria a criar o filho e, afinal, ela não era a primeira mãe solteira de Curitiba. Naquele momento descobrira que, além de desejá-lo, ela o amava. Os dois trabalhariam, comprariam uma casinha financiada pela Cohab, casariam e a vida seguiria o seu rumo natural.

Onã fazia horas extras na funerária para dar entrada numa casinha e custear as despesas do parto. Estava feliz já que aquele mulherão teria um filho seu e contava isso com o maior orgulho para todos os amigos da roda de pagode que freqüentava na *Vila Oficinas*.

A gravidez correu normalmente, embora Natividade tivesse engordado muito. O único problema era um sonho que a perseguia



desde a primeira noite que soubera que estava grávida: sonhava que estava fazendo amor com Onã e quando ia beijá-lo via, diante de si, o rosto do morto, loiro angelical, os cabelos encaracolados da cor de cabelo de milho, os lábios rosados sorrindo. Ela acordava suando de medo e prazer, com o coração a galope.

Natividade teve o filho no hospital *Nossa Senhora das Graças*. Devido ao tamanho do bebê e por ela não ter dilatação, os médicos decidiram por uma cesariana. Ela dormiu o tempo todo, visto que estava muito agitada e nervosa. Onã estava desesperado no corredor, andando de um lado para o outro, acompanhado por alguns amigos que invejavam com inveja santa a sorte do amigo: ter um filho de um mulherão como aquele. A enfermeira entrou na sala de espera e, ao perceber entre os amigos de Onã um rapaz loiro, dirigiu-se a ele:

- Parabéns, sua mulher teve um lindo menino.
- O pai sou eu...
- Oh! Sim? Sim! Me desculpe...

A enfermeira parecia ter visto um fantasma: estava pálida e completamente paralisada. Demorou a recuperar a cor e a respiração normal. Correu para o berçário como se precisasse proteger alguém e foi seguida por Onã e seus amigos. Havia poucos bebês no berçário, apenas uns quatro e a maternidade estava calma. Onã fazia sinal para que a enfermeira mostrasse logo seu filho através do vidro do berçário. Sim, seu filho seria forte como o pai e no futuro seria jogador de futebol ou cantor de pagode. Não, isto era muito pouco para seu filho, o que ele queria mesmo é que seu filho fosse advogado, não agüentava tanta injustiça neste país. A enfermeira parecia atrapalhada ao olhar os bebês, conferiu o número da plaquinha com a ficha da paciente nos bracinhos inocentes. Onã fazia sinais pelo vidro e já estava ficando irritado. Sabia que o nenê do meio era seu filho, só ele nascera naquele dia, e reconheceu o macaquinho azul que ele mesmo comprara. A enfermeira trouxe o nenê até o vidro. Porém o bebê estava com a face coberta e ele queria ver o rostinho moreninho de seu filhinho. A enfermeira, hesitante e com expressão carregada, demorou, mas acabou atendendo ao pedido do pai. Quando ela, exteriorizando nervosismo na face e com as mãos trêmulas, descobriu o rosto do bebê, Onã quase



desmaiou e teve que ser amparado pelos seus amigos que também ficaram atônitos, paralisados, sem forças para segurar o amigo. Músculos fortes o apoiaram, olhos assustados se entreolharam, mas nenhuma palavra foi ali pronunciada, pois nessas horas qualquer palavra falha e o silêncio fala por si.

Uma semana antes, Onã havia presenteado Natividade com *O Livro do Bebê* do Dr. Lamare, que ganhara do dono da funerária. O que tinha diante de si era o próprio nenê da capa daquele livro: cabelos encaracolados, mais amarelos que cabelo de espiga de milho, olhos azuis, pele tão branca que chegava a ser avermelhada, num rosto de anjinho de pintura de parede de igreja com um enigmático sorriso.

Ele saiu dali irado e correu desesperadamente em direção ao quarto de sua mulher, sendo seguido por seus amigos, que não acreditavam no que haviam visto. Nesse exato momento Natividade estava retornando aos poucos da anestesia peridural. Onã deu um violento chute na porta que se escancarou. Entrou e ficou paralisado diante dela que, retornando do sono, sorria para ele, o sorriso de quem o amava, o sorriso iluminado de todas as mães. Seus amigos o seguraram pelo braço com muita força e a enfermeira chegou em seguida, com um copo de água e um calmante, no momento em que ele gritava, debatendo-se furiosamente para livrar-se daqueles que o seguravam:

- Puta, mil vezes puta!

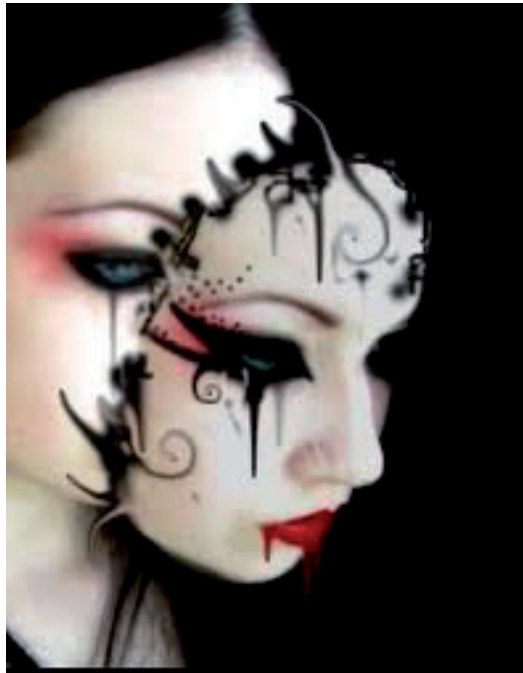




## *AS MÁSCARAS DE TÉIA*

*Pois da mesma forma que o amor vos coroa,  
assim também ele vos crucifica.*

Gibran Khalin Gibran.



Foi aqui em Santa Catarina, terra da heroína Anita Garibaldi, que esta estória aconteceu, envolvendo também uma bela mulher, linda como aquela; porém, esta não soube guerrear do lado certo,



como se fosse possível alguém escolher qual será o lado certo da batalha... Os deuses nos confundem e absolutamente ninguém entende suas preferências.

Foi aqui na encantada *Ilha da Magia*, dos aterros, do desterro, da desterra que ouvi um fadórico caso de amor que ficou registrada na memória dos pescadores até hoje. Esclarecemos que Florianópolis não é uma referência à cidade das flores como pensam muitos, e sim, vergonhosamente, a um carrasco - Floriano Peixoto. A *Ilha da Magia* é um lugar de belas praias, de descendentes de açorianos que chegaram à Ilha a partir de 1748 e trouxeram consigo suas lendas, suas crendices, suas tradições tão bem relatadas pelo folclorista Franklin Cascaes. Também é o lugar preferido pelos ricos, pelas muitas bruxas, por magos, por enamorados, por artistas e aposentados. E também é o lugar onde nós, pobres poetas e professores, insistimos em sobreviver.

Florianópolis antigamente se chamava *Ilha de Santa Catarina*, nome dado à ilha em 1526 por um navegador italiano - Sebastião Caboto -, em homenagem a sua amada, Catarina Medrano. Outros dizem que o nome foi dado ao Estado e à Ilha em homenagem a Santa Catarina de Alexandria. Um Imperador romano se apaixonou por Catarina, e ela o rejeitou. Revoltado, o Imperador mandou que passassem uma roda dentada sobre o corpo da jovem. Quando a roda, empurrada por soldados, aproximou-se do corpo, espatifou-se, e muitas pessoas se converteram. Não satisfeito, o Imperador mandou que a decapitassem e, quando isso foi feito, de seu pescoço já separado da cabeça, não jorrou sangue, mas leite, e assim ela foi santificada. Fiquemos com essas origens que nos falam de amores trágicos e esqueçamos as guerras, o estrago que Floriano fez, as humilhações impostas aos prisioneiros, *el paredón*, esqueçamos que aqui as flores não venceram canhões.

Não endureçamos nosso coração e nos mantenhamos nas origens amorosas da ilha com seus *causos*, suas feiticeiras, suas rezas, suas mezinhas, a própria *Ilha da Magia* e da carestia...

Este conto é somente para quem souber ler o perfil oculto nesta página e para quem souber decifrar a sólida biografia das brisas, como tão bem escreveu Caruso, poeta, entre tantos outros desta ilha, pedacinho de terra encravado no mar que gerou vates como Cruz e Souza e continua a gerá-los em abundância. Sinto a



estória surgindo, mas ainda em estado larvar, se enroscando sem encontrar a metamorfose certa. Escrevo sentindo e isso é difícil.

Nesta estória predomina o coração dos personagens envolvidos, o coração de quem escreve e o seu precioso coração, enamorado leitor. O coração foi considerado durante séculos o centro de toda a vida, a morada da alma e dos desejos mais ocultos, dos impulsos mais perversos do ser humano, até que, com o pensamento cartesiano, dizem, o cérebro o desbancou inaugurando a chamada Era Moderna. Será verdade? O próprio texto bíblico já dizia: *Do coração procedem as saídas da alma.*

A praia da *Barra da Lagoa* é uma das mais lindas da Ilha e foi ali, naquele lugar mágico, que procederam as saídas da alma. Contaram-me os velhos pescadores, enquanto remendavam pacientemente suas redes, que na década de setenta vivia naquele paraíso uma esfuziante jovem, morena de olhos da cor de mar, cujo esquisito nome era Galatéia, mas que era carinhosamente chamada por todos de Téia. Seu pai retirou esse nome de um antigo livro de pinturas e gravuras. Sem saber, com esse nome, ele traçara antecipadamente o destino de sua filha.

Téia era escandalosamente bela. Dizia-se, naquela época, que nem a moça que dera nome à Praia da Joaquina era tão bela quanto ela. Em 1970 chegou para morar naquela praia um jovem escultor de origem grega, Justus Pigmaleão, mas que pela complicação do nome era chamado por todos de Pig, o justo. Ele caminhava, tal como Édipo, sem saber, de encontro à moira. Cloto, uma das pálidas parcas, era eficiente em seu incansável trabalho: em sua velha e enferrujada roca prendeu, nesse momento, os confusos fios de lã e cânhamo para todos aqueles que estão predestinados a ser desgraçados.

Pig se instalou numa pequena casa, à beira da praia. Em sua oficina, lotada de mármore, pedra-sabão, bronze, trabalhava incansavelmente até tarde da noite. Por várias vezes afastava do rosto seus imensos cabelos loiros, para enxugar o suor com o qual ganhava a vida.

Numa noite enluarada ele saiu para caminhar na praia e notou um vulto que se aproximava. Ao chegar perto, reconheceu, por conta das informações recebidas dos pescadores, tratar-se de Téia - a materialização da beleza. Mas, para ele, tudo o que tinham dito sobre a moça era apenas um pálido esboço. Ela era mais bela



que todos os desenhos de todas as musas e deusas gregas que ele conhecia. Apresentaram-se e caminharam, conversando, tendo como testemunha a lua imensamente grávida de desejos ocultos. Ele convidou-a para conhecer sua oficina de artesanato. Nessa noite, Láquesis assumiu o posto de sua irmã Cloto, na roca e começou a enrolar e dar nós no destino de Pig. Não, não se pode fugir da inexorável força da moira.

No outro dia, Téia foi até a oficina e ficou surpresa com o talento do jovem artista, mas, principalmente, ao ver, agora sob a luz do sol, os longos cabelos loiros e os tristes olhos verdes do rapaz. Ele serviu-lhe uma xícara de café e ela observou um rosto em pedra-sabão ainda pela metade no qual o artista trabalhava. Movida pelo orgulho de sua beleza que atingia as raias do insuportável, perguntou:

- Tu esculpes meu rosto numa pedra destas, não esculpes?

O rapaz surpreendeu-se ao ouvir a pergunta e ao perceber a fala cantada da moça; deu um largo sorriso vendo ali a possibilidade de tê-la sempre por perto, sob suas mãos e sob seu olhar, e respondeu:

- Claro, e não só uma. Te esculperei quantas vezes tu quiseres... Com uma condição!

- Qual? Diz!

- Que poses somente para mim, sempre.

- Combinado, como tu quiseres.

Assim, na outra semana a valquíria posou para Pig ofertando-lhe, quase que sexualmente, sua inebriante face. Ele, por mais que se esforçasse, não conseguia tirar da pedra-sabão nem uma sombra daquele rosto, porque aquela face parecia ter sido moldada pelas mãos dos deuses. Por profissionalismo de artista, pediu:

- Quero sentir o teu rosto em minhas mãos...

- Tu queres, não queres?

- Quero...

E quando delicadamente tocou aquele rosto, demorou no gesto, sentindo que talvez nunca conseguisse transplantar tal beleza para a pedra dura, pois o que tinha entre as mãos era puro engenho e arte. Ela começou a esfregar sua bela face nas mãos calejadas e másculas do artista e, movidos pelo coração,



sempre ele, beijaram-se ardorosamente. O artista queria, como um vampiro, sugar a beleza daquela boca só para ele. Láquesis dava mais um forte nó na linha da vida de Pig. Aquela sereia o encantava não com sua voz, mas com seu rosto, e ele estava, como diziam os moradores do lugar, completamente embruxado.

Se Vênus tinha o *cestus* - o cinto bordado que tinha o poder de inspirar o amor -, Téia tinha sua mágica face e a transformava em seu instrumento de sedução. Seu rosto aniquilava de paixão quem ousasse olhar para ele.

As semanas se passaram e o escultor sempre arrumava um tempo, parava seu trabalho, para que Téia posasse para ele. De suas mãos, saíam máscaras e mais máscaras, em cobre, em pedra-sabão, em mármore, e todas tinham a pálida imperfeição das cópias, já que sua amada não podia ser reproduzida, apenas imitada. Esculpir é escrever com o cinzel e as mãos do artista possuíam memória própria. Ele escrevia o destino daquela mulher nos rostos que esculpia; era, sem saber um *escripintor*<sup>4</sup>.

Num sábado, os dois estavam abraçados e sentados numa pedra observando o pôr-do-sol sangrento da *Barra da Lagoa*. Ele pediu o rosto da moça em casamento e todo o resto também, e colocou no dedo dela um anel de noivado. Ela chorou e, enquanto acariciava o anel, perguntou-lhe:

- Tu vais me esculpir sempre bela, não vais? Me prometes, *amôri*?

- Enquanto fores minha te esculperei belíssima, minha vida.

Alguns pescadores sempre passavam pela casa do artista para ver de perto a beleza das máscaras e acariciar o rosto da musa, uma vez que acariciar o modelo era simplesmente impossível. O escultor nem ligava para os carinhos que aqueles homens rudes faziam nas máscaras. Eles, agradecidos, felicitavam o rapaz por aquele prêmio que tantos homens desejavam e temiam. Os pescadores, em sua simplicidade e sabedoria de velhos homens do mar, jamais miraram diretamente os olhos daquela Medusa. Tinham medo de ser petrificados e, afinal, o mar lhes ensinava

---

<sup>4</sup> Termo criado por José Saramago em seu romance/ensaio *Manual de Pintura e Caligrafia*.



a fugir do enganador canto das sedutoras sereias. Eles sabiam que aquela beleza seria a perdição do artista. Perceberam que, desde que chegara ali, no período de um ano e meio, ele já havia esculpido obsessivamente quase cem máscaras do rosto que, de tão assustadoramente belo, não poderia ser humano. Sabiam secretamente que o escultor se tornara escravo daquela beleza e que ele sentia uma estranha magia, quase que um prazer sexual ao esculpir obsessivamente a face da mulher que o tornara cativo de seu rosto. Láquesis caprichava em seus nós.

Ao observar as máscaras que fazia, o escultor se lembrava de Vulcano, o artista que tinha o poder de dar movimento às suas obras, e que chegou a dotar de inteligência as servas de ouro que fizera para cuidar dele próprio. Se tivesse esse poder, ele teria transformado aquelas máscaras num exército de Téias exclusivamente para ele. O rapaz percebia que sua idolatrada era vaidosa, mas seu amor transformava essa fraqueza numa virtude.

Ele não queria apenas o rosto marmóreo de sua musa, queria ser dono em definitivo daquele rosto original, tomar posse daquilo que era somente dele, e já pensava em marcar o casamento quando o inesperado aconteceu. Ele teria que enfrentar não as máscaras de uma mulher, mas as máscaras do destino e ambas eram cruéis. Ah, ele não sabia que os deuses não dão nada sem pedir um alto valor em troca. Láquesis, em seu assustador bordado, deu seu último e mais perfeito nó.

Leandro, o filho de um velho pescador, acabara seus estudos em São Paulo e voltara para a Ilha para montar uma pousada na praia. O rapaz e Téia se conheciam desde crianças. Quando era mais jovem Leandro adorava cruzar o canal da *Lagoa da Conceição* só para se exhibir para sua ninfa. Os pais deles, desde aquela época, deixaram claro que faziam gosto no casamento dos dois. Esses pais com a mania de decidir o futuro dos seus filhos não sabiam que os condenavam, por antecedência, à perdição.

A moça de olhos cor do mar, desde que o amigo de infância retornara, não escondeu de ninguém sua fascinação ao ver o rapaz de pele bronzeada surfar nas praias da Ilha e ser assediado por quase todas as meninas dali. Seu interesse também reacendeu, não só pelos músculos delineados e pelos belos olhos castanhos do rapaz, mas porque ele herdara de um parente distante uma pequena fortuna: vários terrenos em pontos valorizados da Ilha.



Leandro voltou a cruzar o canal da *Lagoa da Conceição* só para se exibir para Téia e acabou sendo traído pelo seu traiçoeiro coração: apaixonou-se verdadeiramente pelo seu rosto e por ela.

O artista não precisou de nenhuma palavra. Completamente em silêncio entendeu tudo e esperou o desfecho. Ela terminou o namoro naquele mesmo verão e ele, afastando-se de todos os pescadores, trancou-se em sua casinha. À noite, às escondidas, saía para o conforto da brisa do mar, para contemplar o céu enluarado, e caminhar na areia em busca da serenidade perdida. Somente pisando aquelas calmas águas ele conseguia aplacar suas dor e derramar em lágrimas silenciosas. A mulher-modelo que ele tanto amava o desterrara de si próprio. Outrou-se de tanto contemplar aquela face. Amou demais e abismou-se. Pensava na quase diabólica beleza daquela mulher aos dezoito anos, naquela pele macia, bronzeada, naquela face não-humana. Não se impressionava tanto pelo corpo - na Ilha muitas moças tinham o corpo perfeito - mas pelo rosto inumano da musa. Não havia nenhum outro rosto que se comparasse ao rosto dela, e olha que a Ilha exportava modelos para o todo mundo. Conhecia cada ponto, cada detalhe das orelhas, do queixo, dos lábios carnudos, a maciez das maçãs do rosto, tudo.

Numa dessas noites, sentou-se na areia, fechou os olhos, e suas mãos acostumadas ao maldito modelo, automaticamente, reproduziram num pequeno monte de areia a face que o torturava. Aquele rosto estava gravado em suas mãos. Em casa, quase todas as noites, ele beijava por diversas vezes as máscaras de Téia. Aquele belo rosto era só dele, de mais ninguém.

No dia seguinte, a moça, em sua caminhada diária para manter o corpo em forma, deparou-se com seu rosto esculpido na areia, solitário e olhando o infinito. Sua imagem pensativa, como uma carta silenciosa, a deixou preocupada. Terminara o namoro de maneira tão fria. Devolvera o anel sem muitas explicações; enfim, tirou de sua vida o guardião de sua beleza, e sabia que ele sofria por isso. Se ele ainda a esculpia à noite, na areia, é porque ainda a amava. Enquanto olhava para si mesma, lembrava-se da pressa de Leandro que queria casar-se já no próximo ano, sem desvios de noivado e tudo o mais; queria estar casado quando inaugurasse a *Pousada dos Sonhos*.

Naquela manhã, após passar quase uma hora olhando para si, a narcisista caminhou com passos rápidos até a casinha do



antigo amante. Entrou e não encontrou ninguém, pois o rapaz tinha ido buscar o pão numa mercearia ali perto. Sozinha observou as quase cem máscaras de seu rosto. Ficou radiante de felicidade. Olhou-se num pequeno espelho e percebeu que, apesar de tomar muito sol sem protetor, ela era quase que diabolicamente bela. Rodopiava em volta e punha cada máscara diante de si. Diante do espelho comparava sua face com a máscara. Não sabia quem era mais bonita, se ela, ou se a máscara. Sim, sua beleza estava ali naquela casinha encantada, perpetuada pelo homem que a amava; ele era o guardião de sua beleza. Pig chegou e, assustado, derrubou os pães quentinhos no chão. Meio desajeitada, ela se ajoelhou e o ajudou a recolhê-los.

- Encontrei a escultura de meu rosto na areia da praia...

- Encontrei tua consciência?

- Como assim?

- Só as máscaras dizem a verdade... Desculpa-me... Fui eu...

Tu sabes que desgraçadamente minhas mãos conhecem de cor o teu semblante. Te desenharia e te esculpiria mesmo que fosse cego. Estás malditamente gravada nas palmas das minhas mãos.

- Tu ainda me amas, não me amas?

- Te amarei para sempre. Não me importa de quem sejas.

Teu rosto será sempre meu, só meu e de mais ninguém.

- Tu me disseste que me esculpirias bela enquanto eu fosse tua, não disseste?

Depois dessa pergunta, ela aproximou sua imortal face da face do artista, juntou seus lábios aos lábios dele que tremia diante daquela estátua viva. Ele temia pelo que ela pediria, visto que, diante daquele rosto, faria qualquer promessa, mesmo que fosse incapaz de cumpri-la. Seu coração e suas mãos tinham razões que ele desconhecia completamente, só sabia que amar é alucinar-se, é pairar perigosamente sobre todos os abismos, e ele mergulhava no mais profundo de todos eles.

- Tu me esculpirás bela por toda tua vida. Me prometes?

E dizendo isso, deu-lhe o mais ardente de todos os beijos de sua vida, esfregando provocativamente o seu rosto contra o rosto dele. O encantado homem, mesmo tendo seu corpo comprimido contra o corpo dela e tendo todas as curvas esculturais daquela mulher a sua disposição, só tinha mãos e bocas para o rosto da





jovem. Suas viciadas mãos não lhe obedeciam mais e já dependiam daquele rosto desumano, que, definitivamente, o escravizara.

- Sim, amor, enquanto eu for vivo e tiver mãos, te esculpirei, ainda mais bela do que já és.

Os dias se passaram e ela, num julho frio e chuvoso, se casou na Igreja da *Barra da Lagoa*. Ele não foi convidado e, mesmo que fosse, jamais compareceria àquela cerimônia, porque sabia que a beleza daquele rosto adornado por uma grinalda de noiva o cegaria. Havia um enigma indecifrável naquele rosto, e ele precisava decifrá-lo, caso contrário seria destruído por aquela maldita esfinge. Mas o que seria dos homens se todos os enigmas fossem revelados? Só os deuses escolhem a hora da revelação.

Os anos se passaram rapidamente e a jovem mulher viveu aparentemente feliz, tranqüila com o belo marido e com a herança dele. Vieram os filhos, três. Ela, sempre preocupada com seu corpo, caminhava todos os dias de manhã cedo pela praia. Quando passava pela casa do artista, parava e observava a luz acesa - ele certamente atravessara a noite trabalhando - mas ela nunca teve coragem de procurá-lo novamente.

Os hóspedes da pousada, que todos os anos voltavam para veranejar ali, impressionavam-se com a jovialidade de Téia, mas, principalmente, exaltavam o fato de uma mulher como ela, que trabalhava de sol a sol, indo e vindo da pousada para o mercado, carregando os filhos para cima e para baixo, não envelhecer e conservar o rosto sem uma ruga sequer. As turistas enchiam-se de protetor solar e, antes da onze da manhã, já voltavam do mar e descansavam na sacada da pousada. Téia não tinha paciência para passar protetor solar e saía para a praia depois da onze de manhã, e fazia questão de constantemente ficar exposta ao sol do meio dia. Ela, imprudentemente, oferecia seu belo rosto aos raios do sol e continuava cada vez mais bela. Por diversas vezes, não havia mais uma viva alma sequer exposta ao sol causticante, e ela permanecia na praia até duas, três da tarde, sem se importar com as notícias de que o sol nos últimos verões da *Ilha da Magia* tinha se tornado abrasador, com temperatura próxima aos 40 graus.

Duas décadas se passaram e Téia já não possuía mais o mesmo corpo; as cesarianas deixaram-lhe de lembrança uma barriga, e ela engordou muito. Mesmo tendo uma razoável condição



financeira tinha horror à anestesia e à cirurgia plástica. Como se expunha diariamente ao sol, sua pele envelheceu precocemente e diversas manchas brancas tornaram-se visíveis, enfeitando seu corpo, unindo-se a muitas rugas no tórax, no abdômen, nas pernas, nas costas. Porém, apesar de uma vida inteira passada sob o sol ardente, o rosto, aos trinta e oito anos, continuava com o frescor dos dezoito, e ela orgulhava-se de jamais ter usado um protetor solar, nem um mísero creme facial. Não havia um sulco sequer naquela face que, misteriosamente, parara no tempo.

Leandro passou a idolatrar aquele rosto, e, embora seus olhos pousassem em outros corpos desnudos da praia da *Joaquina* e da *Mole*, jamais olhou o rosto de nenhuma outra mulher. Se fizesse isso, seria um sacrilégio, uma verdadeira profanação, pior que um adultério. O rosto de sua mulher era para ele uma imensa catedral digna de uma sagrada reverência.

O escultor isolou-se no seu cantinho e afastou-se inteiramente do convívio dos seus amigos pescadores que insistiam em que ele sáísse para o mar com eles para pescar e nadar. Mas ele recusava todos os convites e vivia como um caracol. Os velhos homens do mar diziam, no seu ancestral linguajar, que ele estava *enojado* (de luto). Ele exibia uma dor nos olhos, um sentimento nostálgico de não estar de todo nesta vida, e por vezes sentia também estranhas dores nas mãos, que pareciam ganhar vida própria e não mais lhe obedeciam. Por mais que ele relutasse em parar com aquela obsessão de esculpir uma mulher casada, há mais de vinte anos, suas mãos não cumpriam mais seu desejo, elas tinham vida e desejo próprio e, dias após dia, mais máscaras surgiam de suas amaldiçoadas mãos.

Apesar das visitas de lindas turistas que compravam suas esculturas e admiravam a beleza daquele estranho homem, ele envelheceu sozinho em seu casulo e jamais namorou outra moça. Corria o boato de que suas estátuas eram vendidas na Europa a bom preço e que ele já era famoso em muitos países. Quem me relatou esse fato e me atestou a importância de sua obra foi a artista ilhoa Vera Sabino, que tinha uma casa de praia na *Barra da Lagoa* e que, por várias vezes, visitou o escultor. Esta estória a impressionou tanto que ela retratou Pig e Téia em um dos seus famosos quadros.

Certa noite, em que uma lua prateada enfeitava o céu e machucava a alma dos poetas e artistas com sua beleza, após ter



trabalhado compulsivamente o dia inteiro e até tarde da noite naquilo que ele considerava ser sua obra prima, Pig trancafiou bem sua casa e saiu. Foi caminhando pensativo pela areia levando consigo um enorme facão afiadíssimo. Ficou parado por muito tempo, completamente absorto, antes de entrar na água, como se estivesse prestes a fazer algo. Nessa assombrada noite, Átropos, a mais idosa das parcas, com seu olhar melancólico, aproximou-se do bordado de sua irmã Láquesis e, com uma tesoura comprida e enferrujada, cortou impiedosamente o fio da vida de Pig, fio este que estava recheado de nós. O artista se ajoelhou na praia, prendeu vigorosamente o facão entre os joelhos, levantou as mãos para o ar e, com muito ódio, mergulhou-as violentamente sobre a lâmina do facão. Gritou, mas não havia ninguém para ouvi-lo, somente a lua, que não costuma se impressionar com tragédias de amor e com mortes cruéis. Depois do grito lancinante, caiu de costas sobre as pequenas ondas do mar e a água modificou rapidamente de cor. Sua última visão foi a lua prateada, as mãos despencando-se do antebraço, e a água do mar que refletia um prateado avermelhado. Nem eu mesma acreditei quando ouvi o relato dos antigos pescadores.

Sinto que a página vai explodir sob minhas emoções, porque posso visualizar a cena.

Naquela madrugada, Leandro levantou-se às cinco da manhã e, ainda no escuro, beijou o semblante de sua mulher, e estranhou muito a rigidez da face dela. Porém, ainda sonolento, acreditou que havia beijado o rosto coberto por alguma manta áspera. Há anos ele repetia esse ritual, como uma missa matutina e sagrada. Ele, que quase nunca fora à igreja, elegeu o rosto de sua mulher como o altar de sua devoção diária.

Os pescadores que saíam para lançar mais uma vez suas redes ao mar depararam-se, primeiro, com um belíssimo e estranho arco-íris que empurrava a aurora, tornando-a rosada, depois, com um bando de gaivotas voando agitadas no arrebol, num determinado ponto da praia. Seguindo a agitação das aves desesperadas, encontraram o corpo de Pig estirado na praia, com as duas mãos quase decepadas dos antebraços, e sem nenhuma gota de sangue no corpo. Ele havia sido o carrasco de suas próprias mãos, o carrasco de si próprio, libertara-se finalmente de sua condenação e morrera mergulhado num mar vermelho. Ninguém



sabe ao certo como ele fez isso, mas os pescadores crêem que ele tenha apoiado o facão nas pernas e abaixado violentamente as escravizadas mãos, como se estivesse esmurrando a lâmina.

No mesmo momento em que Pig dera um grito horrível de dor, do outro lado da praia outro grito pavoroso, que acordou todos os hóspedes da pousada, fora ouvido. Estranhando a rigidez do rosto de Téia, Leandro resolveu acender a luz para contemplar a face de sua mulher. Não disse palavras, porque elas não dariam conta do que viu na sua cama, só pôde gritar, loucamente gritar...

Os pescadores ainda estavam aterrorizados com o corpo translúcido de Pig diante deles, sem saber que atitude tomar, quando viram Leandro vestido de pijama, completamente desesperado, vindo ao encontro deles, e gritando feito um demente:

- Me ajudem, pelo amor de Deus! Tem uma velha na minha cama, uma bruxa horrível, enrugada! Cadê minha mulher? Cadê minha bela mulher? Tirem aquela bruxa maldita de minha cama. Ela roubou minha mulher...

Os pescadores encontraram na casinha do artesão dezenas de estátuas, todas destruídas, e as quase cem máscaras que restaram completamente arrebatadas. Sobrou somente uma única máscara daquela face que causara ao artista tanta dor e sofrimento, justo o que Téia mais gostava, mas completamente deformada, cheia de marcas, rugas e mais rugas, manchas, berrugas feitas caprichosamente. Antes de morrer, Pig realizara sua obra prima, deformara fantasticamente a última máscara de Téia, transformando-a num verdadeiro monstro.

Pig, depois das despedidas dos velhos homens do mar, foi colocado numa canoa, pois deixara esse pedido escrito num bilhete, e a canoa foi enviada ao mar e nunca mais foi encontrada. Na *Barra da Lagoa* até hoje contam que, em noites de lua cheia, aparece um belo jovem que esculpe obsessivamente rostos na areia da praia. Leandro passou por uma violenta crise de depressão e um dia tentou cruzar o canal da *Lagoa da Conceição*. Mesmo sendo exímio nadador, seu corpo foi encontrado boiando na costa da Lagoa muitos dias depois.

Téia, com a cara monstruosamente enrugada e envelhecida, completamente enlouquecida, foi viver, a partir de 1990, numa praia deserta - *Matadeiro* - e nunca mais foi vista na *Ilha da*



*Magia.* Na *Praia do Matadeiro*, há uma lenda de uma bruxa que ataca moças bonitas que estão na praia namorando escondido de seus pais. A bruxa, dizem, quer lhes roubar a beleza.

A filha mais velha de Téia tem hoje vinte e oito anos, chama-se Helena e exhibe um rosto tão belo quanto o da mãe. Dizem que ela caminha todas as manhãs pela *Barra da Lagoa* e que diversos olhares, atônitos, a perseguem.

*Enquanto eu durmo, este povo silencioso de estátuas e pinturas,  
esta humanidade remanescente, paralela, continua de olhos  
abertos a velar pelo mundo a que, dormindo, renunciei.  
Manual de Pintura e Caligrafia*

José Saramago



## O RIO DAS ALMAS

*Então Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém, e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos.*

*Então se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz:*

*Em Rama se ouviu uma voz, lamentação, choro e grande pranto: era Raquel chorando por seus filhos, e não querendo ser consolada, porque já não existem mais.*

São Mateus 2:16-18



Foi no norte do Paraná que tudo isto aconteceu. O norte antigo, dos fantasmas, dos picos e montanhas sagradas; o norte do café com sua terra vermelha e seus *causos* intrigantes.



Fazia frio em Ibaiti, o fogão à lenha esquentava a cozinha da casa da fazenda, e a pamonha e o pinhão cozinhavam exalando o inconfundível perfume da minha infância. Minha avó, enquanto saboreava calmamente um copo de quentão, resolveu contar para minha mãe uma estória de sua mocidade. O cheiro de memórias invadia a cozinha e lá fora um vento anunciava chuva e as paredes rangiam numa estranha sinfonia.

Prosseguir é difícil. Os raios cortam as idéias e a claridade assusta. Escrever é isto, um raio que ilumina a escuridão.

Meu avô, lá pela década de 1940 fazia suas cavalgadas entre Ibaiti e Tomazina para vender café. Era assim que se faziam negócios naquela época. Para chegar a Tomazina, o caminho dos tropeiros passava próximo a um rio que todos os cavaleiros temiam. Os homens das duas cidades faziam o possível para passar ali antes das dezessete horas, com o sol ainda iluminando as árvores centenárias, naquele pequeno sertão veredas.

Nas vezes em que passavam no pôr-do-sol, observavam aterrorizados o rio calmo agitar-se misteriosamente como se fosse percorrido por uma invisível corrente. Um ruído estranho saía daquele ventre convulsionado; parecia um gemido dolorido de um recém-nascido, e, naquele momento, o cavalo empacava. O sol continuava a derramar seus últimos raios sobre a mata, e o rio debatia-se em suas próprias entranhas. E nessa hora crepuscular, um pássaro que os antigos chamavam de *rasga-mortalha*, uma vez que anunciava mortes por vir, surgia das margens do rio e voava em direção ao cavalo e cavaleiro, grassando e ruflando as asas com um sopro de morte. Logo em seguida aparecia uma velha índia que morava ali há mais de duas décadas. Ela vinha em seu velho cavalo, gritando e espantando os homens com seu arco em riste. Os cavalos, assustados, desembestavam e não havia quem os segurasse.

Apesar de o rio ser limpo, ninguém ousava tomar banho nele, pois alguns homens, exímios nadadores que ali tentaram nadar, tinham sido levados pela inexplicável correnteza que ninguém sabia de onde surgia e para onde ia.

Os tropeiros contavam que aquela velha índia tinha enlouquecido, já que perdera seu único filho, o qual teria o nome de Sol. Ele nascera morto e, se tivesse vivido, teria sido cacique de uma tribo guerreira - os caingangues. A velha guardava o rio, ninguém sabia por quê, ou qual mistério a atraía para aquelas águas traiçoeiras.





Contava-se que, pouco tempo antes de a índia mudar-se para o rio, às vezes algumas moças, às escondidas, no final da tarde, saíam a cavalo em direção àquele rio que ficava muito afastado da cidade. Ninguém sabia a razão daquelas andanças, uma vez que se banhar em rio, no meio da mata, não era costume das filhas dos fazendeiros e, além do quê, havia igarapés límpidos nas fazendas daquela região. Eram constantes aqueles passeios inexplicáveis na hora crepuscular.

Minha avó, que naquela época tinha dezesseis anos e estava grávida de oito meses, após ouvir meu avô contar-lhe sobre seu horror em cruzar aquele lugar, ficou muito curiosa. Como um homem valente como seu marido, exímio caçador, podia ter medo de um rio, de uma índia, de um pássaro agourento? Movida pela curiosidade, resolveu investigar a estória. Algumas senhoras mais velhas riam muito de suas inocentes perguntas, pois sabiam que aqueles passeios das moças tinham um motivo. As mais experientes caçoaram de minha avó e disseram que, se ela quisesse saber a verdade, fosse a um rancho afastado da cidade, onde morava uma velha que era *tecedeira de anjinhos*. Minha avó foi até lá e, ao chegar próximo ao rancho, avistou uma criatura que nem nome tinha, que era apenas conhecida como aquela que encomendava as alminhas ao céu, às quais ela chamava, debochadamente, de *ovinhos de Deus*.

A velha contou a minha avó que, quando as filhas de fazendeiros engravidavam e o casamento não era acertado, ela lhes preparava um chá com diversas ervas que, em poucas horas, surtia efeito. A moça tomava o líquido e, dali umas horas, dirigia-se ao rio para esvaír o sangue da alminha rejeitada. Mas quando retornava com o corpo dolorido, não era só o sangue que havia deixado no rio, pois metade de sua alma também tinha se esvaído junto ao sangue do ser não nascido. A partir de então uma mancha de tristeza passava a acompanhar os olhos daquelas falsas donzelas.

Por anos aquela velha realizou o ofício da morte, até que viu passar por suas terras uma índia ainda jovem que lhe pediu pouso e passou a noite chorando a perda de seu único filho. A tecedeira contou o seu trabalho para a índia que, ao ouvir o relato, teve um ataque de histeria, porque ela, que tanto queria, não podia mais ter filhos. Começou a cantar em sua língua, pintou-se para a guerra, foi ao terreiro do rancho e amanheceu dançando e chorando. Naquela madrugada a índia acordou a velha aos berros,



e, completamente fora de si, ameaçou-a com o arco retesado e uma potente flecha. A velha teve que prometer que jamais realizaria despachos de anjinhos para o céu. A índia anunciou que a partir daquele dia moraria no rio e se alguma moça aparecesse por lá para sangrar inocentes, ela sangraria primeiro a moça e, depois, o sangue podre da velha tecedeira de anjos.

Depois dessa ameaça, ainda de madrugada, a índia desapareceu galopando em seu cavalo preto, com seus cabelos negros esvoaçando, seu rosto pintado para guerra, não sem antes atear fogo nas malditas plantas do quintal da velha. A bruxa encolheu-se no seu rancho e suas mãos nunca mais voltaram a preparar a poção do demônio. A partir daquele dia, a índia passou a guardar o rio, a velha a guardar seu medo e as moças a guardarem melhor suas vergonhas, visto que se engravidassem, não havia jeito: era casamento, convento ou morte.

Minha avó, curiosa como ela só, aproveitando a ausência de meu avô, no outro dia no final da tarde, montou seu cavalo branco e foi até o rio. Ficou petrificada. O sol se punha em meio àquela atmosfera crepuscular, cumprindo o ritual diário; era como se os anjinhos de Deus, num trabalho silencioso e solitário, ajudassem o sol a se pôr. O rio começou a agitar-se, e um estranho marulhar saía de suas profundezas. Realmente meu avô e os outros tropeiros tinham razão: o rio parecia gemer dolorosamente.

Minha avó permanecia estranhamente calma enquanto ouvia o cantar de muitas cigarras que deixava aquele cenário ainda mais tétrico. Observou o pássaro maldito que roía as mortalhas nos cemitérios, porém ele, embora lhe sobrevoasse a cabeça, não atacava. Olhou e distraiu-se com a beleza de uma orquídea lilás que nascia nas margens em meio àquela crepúsculo vermelho-violeta sob aquele céu totalmente ermo.

A velha índia, notando a presença de uma mulher, veio cavalgando enlouquecida em direção a minha avó, que não demonstrou medo algum porque achava que a gravidez a protegeria da fúria da guardiã do rio dos mortos.

A guerreira, batendo o arco no velho cavalo, veio em disparada. Chegou perto, largou as rédeas, retesou o arco e olhou firme para aquela estranha amazona. Minha avó susteve o olhar e, sentindo que um equívoco poderia acontecer, passou carinhosamente a mão sobre sua imensa barriga. A índia baixou os olhos para o ventre-vida de minha avó e suspendeu, reverentemente, o gesto no ar.



Esboçou um meio sorriso. Não disse uma palavra, puxou as rédeas, deu meia-volta e retornou tranqüila e devagar para o rio, seguida pelo pássaro. O rio tingia-se pelos raios de sol, avermelhando-se, e minha avó ouviu o triste chorar de almas não-nascidas.

A velha selvagem tirou sua roupa e nua entrou no rio. Começou a chorar banhando seu ventre seco naquela água agitada e avermelhada. Abriu as pernas e deixou que seu corpo fosse encoberto pelas águas. A água fazia redemoinhos em volta do seu ventre como se quisesse adentrar seu ventre seco e infértil. Falta-me aqui o poder vigoroso e definitivo de uma metáfora: como continuar a descrever uma cena que tem gosto de pintura, de um quadro de Bosch? Com os braços ela embalava, imaginariamente, as alminhas não nascidas e para sempre adormecidas, embalava o próprio ar perto de seu colo murcho de amor e de filhos. Aquela índia era sombra do que tinha sido e realizava o solilóquio doentio daqueles que enlouquecem de dor. O sol jamais voltaria a brilhar para ela, só lhe restava o triste sol que morria todas as tardes no mesmo horário.

Aquela índia, em sua ancestral sabedoria, cumpria uma missão sagrada. Ela era a guardiã do reino do olvido, velava o rio que se transformara num sepulcro santo. Nas margens, flores-mortalhas brotavam do nada, regadas pelo sangue dos *não-nascidos*. Até hoje aquele rio é conhecido como o *Rio das Almas*.

A cena foi tão forte que minha avó sentiu uma pontada em seu ventre e caiu nas margens do rio, contorcendo-se de cólicas. A índia, ouvindo os gemidos de minha avó, interrompeu seu estranho ritual, veio correndo, ajeitou ramagens e folhas, fazendo um leito macio nas margens do rio. Enquanto minha avó tinha uma contração atrás da outra, o rio, misteriosamente, silenciou. A índia, com o rosto iluminado, a ajudou no difícil trabalho do parto. Quando o menino nasceu, reinava um silêncio absoluto. A índia cavalgou para avisar os parentes de minha avó que vieram buscá-la com uma carroça. Enquanto esperava a chegada dos parentes, minha avó adormeceu tranqüilamente com o menino nos braços sendo vigiada pelo não mais assustador pássaro.

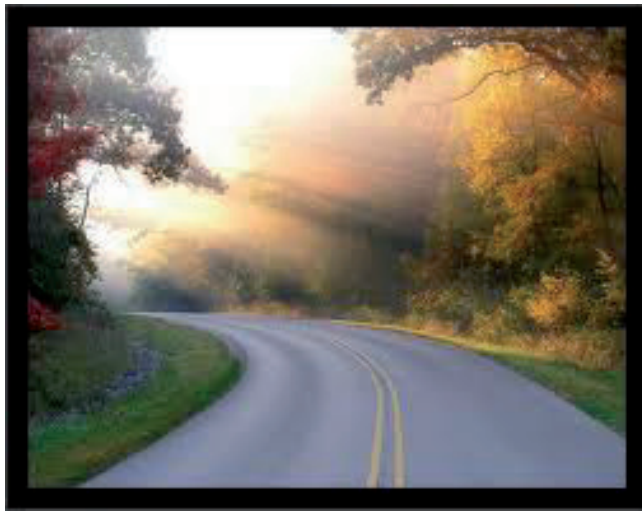
Depois que fez o parto de minha avó, a índia, naquela mesma noite, entrou no rio e nunca mais foi vista. O rio jamais voltou a chorar.



## *NA TERCEIRA MARGEM DA ESTRADA*

*As asas, papai! As asas!  
As tive, mamãe, as tive!  
Vieram-me em vivas brasas:  
soltei-as como quem vive.*

Tony Roberson de Mello Rodrigues



Uriel era caminhoneiro, um peregrino solitário do asfalto. Da cabine do seu caminhão levava a vida cruzando estradas que pareciam não ter fim, vendo o sol nascer e se pôr sempre avermelhado e triste, meditando no entardecer carregado de melancolia, temendo o anoitecer com seu cheiro de acidentes e morte. Diversos cantores da imensa família sertaneja lhe faziam companhia naquelas jornadas nas quais tudo podia acontecer.



Mas ele tinha uma fita especial que sua filhinha Ângela de dez anos havia gravado para ele com músicas que retratavam o dia-a-dia daqueles eternos andarilhos do asfalto:

*Minha vida é andar por este país pra ver se um dia descanso feliz, guardando a recordação, andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei...*

A viagem na BR 116 que ligava a Serra Catarinense a Curitiba parecia não ter mais fim. Ele odiava dirigir à noite, mas queria ver sua esposa e sua filhinha ainda na madrugada de sábado. Faltavam cem quilômetros, e ele, cuidadoso, dirigia devagar.

A estrada estava deserta, quando, inesperadamente, surgiu, não se sabe de que margem da estrada, aparentemente do nada, uma mulher desesperada, abanando as mãos no meio do asfalto. Uriel reduziu a marcha da quarta para a terceira, da terceira para a segunda e foi desviando o caminhão para o acostamento. Ele percebeu que a mulher estava toda ensangüentada e quase se arrastava em sua direção. Era uma mulher morena, cabelo curto, magra, estatura mediana, aparentando ter uns 33 anos. Não pôde ver direito o rosto; havia muito sangue na face dela, sangue que também manchava o conjunto de calça jeans e camiseta branca. Mal ele parou o caminhão, a desconhecida agarrou-se à porta, abrindo-a com uma força desproporcional ao seu lastimável estado físico. Em seguida, puxou violentamente ao braço de Uriel, forçando-o a descer rapidamente.

*- Pelo amor de Deus, meu filho tá morrendo nas ferragens do carro ali no mato. Rápido, rápido, pelo amor de Deus...*

Uriel não pensou em mais nada. Levantou o banco do caminhão, tirou dali uma caixa com várias ferramentas e seguiu aquela mãe, que aparentemente havia se esquecido dos próprios ferimentos, já que não reclamava de nada, não pronunciava um gemido sequer, só continuava arrastando o caminhoneiro, energicamente, pelo braço para salvar filho. Enquanto corria feito um desesperado ao lado daquele avantesma ensanguentado, ele só pensava em Ângela. Saiu da estrada e viu o gol verde completamente amassado, as portas escancaradas e o menino que devia ter a mesma idade de sua filha se contorcendo entre as ferragens. O corpo daquela mãe tremia e ela transpirava sangue, mas parecia não sentir dor, apenas suplicava com as mãos arrumadas em forma de oração:

*- Pelo amor de Deus, salve meu filho, meu único filho.*



Ele abriu a mala de ferramentas, apanhou um serrote e começou a serrar as ferragens, forçando-as com um pé-de-cabra, enquanto a mãe, com um lenço, limpava o sangue do corpo e do rosto do menino que, apesar de estar preso nas ferragens, aparentava ter-se ferido só superficialmente. No meio de todo aquele nervosismo, Uriel sentiu um cheiro forte de gasolina. Olhou debaixo do carro e viu que a gasolina estava escorrendo em direção ao motor e que o carro poderia pegar fogo. Ficou desesperado ao perceber o perigo e ao notar que a translúcida mulher também já pressentira o que poderia acontecer em alguns minutos. Ela ficou ainda mais agitada e suplicava: *depressa, depressa*.

Depois de intermináveis vinte minutos, em que os músculos fortes daquele homem lutaram contra os ferros retorcidos do carro, finalmente ele conseguiu retirar dali menino vivo. Uriel, cuidadosamente, carregou o garoto nos braços e, ao aproximar-se dos faróis acesos do seu caminhão, constatou o que já desconfiara: apesar do sangue e da respiração difícil, os ferimentos eram superficiais. Nesse momento, ouviu um enorme estrondo. Olhou para trás e o gol estava envolto em uma fogueira que dissipava a neblina da serra.

Atordoado procurou pela mãe para dizer que seu filho estava bem, mas ela simplesmente desapareceu juntamente com a neblina, que, misteriosamente, começou a evaporar. O dia estava amanhecendo, o sol feria a neblina, criando em volta deles uma aura iluminada. Uriel amparava o menino nos braços e sentiu um frio percorrer-lhe os ossos. Era a neblina que cedia e oferecia a ele a visão de um despenhadeiro a poucos metros de onde o fogo consumia o carro. Foi só então que ele observou, em meio às labaredas de fogo, que a porta do lado do motorista do gol acidentado estava escancarada e o que cinto de segurança estava solto e era consumido pelas chamas. Tirou um cobertor da carroceria do caminhão, arrumou-o no chão e depositou o frágil corpo do menino que já respirava sem muita dificuldade. Depois caminhou rumo ao gol já quase em cinzas, em direção à porta aberta do lado do motorista. Aproximou-se da carcaça do carro, olhou em volta e viu, à distância de uns cinco metros, uma cena que jamais esqueceria em sua vida. Jogada sobre uma pedra, com a cabeça toda arrebatada, o corpo da mulher que vestia jeans e camiseta branca. No alto de uma grande pedra, uma coruja encolhida emitiu um pio profético. Ele aproximou-se e percebeu que a mulher já estava morta há horas. Na sua face gelada um sorriso de agradecimento.







## SALMA FERRAZ

Graduou-se em Letras pela Faculdade Hebraico Brasileira Renascença de Letras de São Paulo (Hebraica), especializou-se em Literatura Brasileira e Literatura Infantil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É mestre em Literatura Portuguesa e Doutora em Literatura Portuguesa pela Unesp, campus de Assis. É Professora Associada de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC em Florianópolis e atua na Pós Graduação de Literatura com a linha de Pesquisa **Teopoética** - Os Estudos Comparados entre Teologia e Literatura. É Membro da **ALALITE**, Associação Latino Americana de Literatura e Teologia, é membro da **ABRALIC** e **ABRAPLIP**, dirige o **NUTEL**- Núcleo de estudos comparados entre Teologia e Literatura. É crítica e ensaísta com inúmeros artigos publicados e autora de diversos livros de crítica literária e ficção.

## BIBLIOGRAFIA

### Crítica Literária

- 1) *A sagrada luxúria de criar*. Porto Alegre: Edipuc, 1999.
- 2) *As Faces de Deus na Obra de um Ateu*. Juiz de Fora: EUFJF & Blumenau: FURB, 2004.
- 3) *As Malasartes de Lúcifer*. Londrina: UEL, 2012.
- 4) *Desmistificando a redação (co-autoria)*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- 5) *Deuses em Poética. Campina Grande*: EDUEPB, 2008.
- 6) *Dicionário de Personagens da Obra de José Saramago*; Blumenau: Edifurb, 2012.



- 7) *Dicionário Machista*. Londrina: Campanário, 2002.
- 8) *Ensaio: Fernando Pessoa, Eça e Saramago*. São Paulo: Cone Sul, 1998.
- 9) *Escritos Luciféricos*, no prelo.
- 10) *Maria Madalena: a mulher que amou o amor*. Maringá: EDUEM, 2011.
- 11) *Na Terceira Margem da História*. Blumenau: FURB, 1999.
- 12) *No princípio era Deus e Ele se fez Poesia*. Rio Branco: EDUFAC, 2008.
- 13) *O jeitinho Brasileiro de Sherlock Holmes*. Blumenau: FURB, 1998.
- 14) *O quinto evangelista*. Brasília: UNB, 1999.
- 15) *O rei Leão e a Memória do Mundo*. Blumenau: FURB, 1998.
- 16) *Pólen do Divino*. Blumenau: FURB, 2011.
- 17) *Sois como deuses*. Dourados: UFGD, 2012.
- 18) *As faces de Deus na Obra de um Ateu*. 2a. ed. Blumenau: Edifurb, 2012.

## FICÇÃO

- 1) *A Ceia dos Mortos*. Florianópolis: Ed. Autora, 2007.
- 2) *Efeito Melancia*. Blumenau; Edifurb, 2012.
- 3) *Em nome do Homem*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.
- 4) *Espelho Magro*, no prelo.
- 5) *Nem sempre amar é tudo*. Blumenau; Edifurb, 2012.